

dissolução de costumes dos novos tempos (isto por 1481), attribui grande parte das culpas ao judaísmo.

J. P. C.

Brito, Fr. Bernardo de (1568-1617). Estudou em Roma; cursou teologia na Universidade de Coimbra, onde se doutorou; professou na ordem de Cister, em Alcobaça. Foi cronista da sua Ordem, e, por morte de Francisco de Andrade, cronista-mor do reino. É, em todo o sentido, o fundador da historiografia alcobacense, a qual, com sua deliberada glorificação do passado português, constitui um dos mais salientes aspectos da «literatura autonomista sob os Filipenses». Com tal historiografia, que se condensa na *Monarquia Lusitana* (v.), volve-se à postura de certos círculos mediévidicos, entregados à efabulação, hagiográfica ou heróica, ao maravilhoso, à fantasia, à literatura, enfim (v. *Apócrifos*). Abandona-se a preocupação do rigor possível, e o carácter directo da historiografia que, com poucas excepções, vai de Fernão Lopes aos cronistas da expansão. Efectua-se a troca da heurística pelo charlatanismo documental. Está-se no período imediatamente anterior a Du Cange e Mabillon: a cultura, antes de assumir cariz científico, vive um último estádio de desmandos mediévidicos. Além da 1.^a e 2.^a Partes da *Monarquia Lusitana* (1597 e 1609), da *Primeira Parte da Crónica de Cister* (1602) e dos *Elogios dos Reis de Portugal* (1603), devemos-lhe, segundo alguns (como Faria e Sousa), uma colectânea de poesia italianizante: *Silvia de Lisardo* (1597). V. *Alcobaça, Apócrifos e Panegírico*.

C. E. S.

Brito, Duarte de. Um dos poetas mais dotados do *Cancioneiro Geral* (v.) (1516). Nele, a tristeza e o sentimento amoroso encontram uma intensidade poética muito particular, servida por uma habilidade formal capaz de criar ritmos adequados à sua dor, sem cair no artificialismo de muitos dos seus contemporâneos. No longo poema *«em que conta o que a ele e a outro lhaconteço com um rrousinol»*, que recorda o *Fingimento de Amores* de Diogo Brandão (v.), há acentos de verdadeira poesia, à mistura com apontamentos cultos que denotam um convívio directo ou indirecto com a Renascença italiana.

A. C. R.

Brito, RAIMUNDO DE FARIAS (Ceará, 1862-Rio, 1917)). É considerado o mais original dos pensadores brasileiros. Frequentou a Faculdade de Direito do Recife, onde se licenciou. Professor da Faculdade de Direito do Pará, fixou-se em 1909 no Rio de Janeiro, onde durante os últimos oito anos da sua vida ensinou Lógica no Colégio Pedro II. Publicou as seguintes obras: *A filosofia como actividade permanente do espírito humano* (1895); *A filosofia moderna* (1899); *Evolução e Relatividade* (1905); *A verdade como regra das acções* (1905); *A base filosófica do espírito* (1912); *O mundo interior* (1914). Para Farias Brito a crise sua contemporânea era resultante da expansão de doutrinas que tinham enaltecido o utilitarismo e diminuído o princípio ordenativo da consciência humana. A missão da filosofia, segundo a sua opinião, seria a de regenerar a sociedade emprestando significação racional à natureza e à vida humana e dela deduzindo regras de ordem moral e metafísica. Como o espírito, segundo o A., é o verdadeiro ser e a substância de todas as coisas, a metafísica seria necessariamente a ciência do espírito. Esta exigia a restauração do primado do sentimento religioso e a renovação da fé. A religião nova seria, portanto, a filosofia, pois ambas são solidárias e se conjugam harmónicamente subordinadas à unidade fundamental da consciência. F. B. defende um pampsiquismo panteísta e um espiritualismo religioso distinto da religião católica.

D. S.

Bibl.: Barreto Filho, introd. da 2.^a ed. de *O mundo interior*, Rio, 1951; Carlos Lopes de Mattos, *O pensamento de F. B. (Sua evolução de 1895 a 1914)*, S. Paulo, 1962.

Brochado, Alfredo. V. Contemporâneos. EM PORTUGAL.

Brochado, José da Cunha. V. Iluminismo.

Browne, Maria da Felicidade do Couto (Porto, 1797-1861). Enriquelida pelo casamento, fez da sua casa um pequeno cenáculo literário. Nos seus poemas chora um amor desiludido, oposto ao dever, a que não parece alheio o convívio sentimental com o jovem Camilo, por 1849-1851. Das três edições da sua obra, sob os títulos *Coruja Tro-*

vadora, Soror Dolores e Virações da Madrugada, a 3.^a (1854) é a mais completa. Frouxidão e lugares-comuns são resgatados por comoventes sinais de autenticidade e um delicado senso estético (cf. «Hieróglifo»), que tornam a A. um dos reais valores do Romantismo português.

J. P. C.

Bibl.: J. do Prado Coelho, *Poetas do Romantismo*, 1.^o vol., Lisboa, 1965, pp. 35-46 (segue-se breve antologia).

Bruges de Oliveira, José de Ornelas. V. Contemporâneos. EM PORTUGAL.

Brun, André Francisco. V. Humorismo e Crónica. NA LITERATURA PORTUGUESA.

Bruno, José Pereira de Sampaio (Porto, 1857-1915). Pensador dos mais notáveis e estudioso de problemas filosóficos e metafísicos, publicou em 1874, apenas com 17 anos de idade, o seu primeiro livro, *Análise da crença cristã*, que provocou escândalo e suscitou polémicas. As suas irreverentes afirmações não se fixaram como conteúdo ideológico do pensador que, nos trabalhos posteriores, delas inteiramente se desviou. Implicado no movimento revolucionário, de intenção republicana, de 1891, teve de emigrar para o estrangeiro. Nomeado, após a proclamação da República, funcionário superior da Bibl. Municipal do Porto, aí exerceu notável acção de expansão cultural. Publicou: *A geração nova*, 1886; *Notas do Exílio*, 1893; *O Brasil mental*, 1898; *A Ideia de Deus*, 1902; *O Encoberto*, 1904; *Os modernos publicistas portugueses*, 1906; *Portugal e a Guerra das Nações*, 1906; *A questão religiosa*, 1907; *Portuenses ilustres*, 1907-1908; *A Ditadura*, 1909; *O Porto culto*, 1912. A Bruno (pseudónimo com que escreveu o seu primeiro artigo de jornal) se pôde fazer reverter o início de uma forma de pensamento vasta e compreensiva, séria e subtil, em domínios até então impregnados de intolerância ou apenas de sectária propaganda da cultura francesa. Para ele, admiravelmente informado, interessava sobretudo a formação típica do nosso pensamento filosófico e não a importação de soluções sem articulação com a nossa tradicional especulação. Foi dos primeiros críti-